

trabalho crítico com os conceitos

O “corpo falante” e o mistério de uma outra satisfação

Diego Mautino

“O real, eu diria, é o mistério do corpo falante,
é o mistério do inconsciente”¹

... eis o *dizer*, bem enigmático, com o qual Lacan conclui a sessão de 15 de maio de 1973 de seu seminário *Mais, ainda*, dedicado às “Rodinhas de barbante”, depois daquelas sessões em que ele fala do barroco, da sua exibição de corpos que evocam o gozo e na qual se surpreende de não ter tido antes a ideia de se servir dos nós de barbante para cingir aquilo que concerne ao gozo.

Nesse momento em que Lacan introduz os nós em seu ensino, ele forja esta expressão: “corpo falante”; portanto, o real ao qual ele se refere, a partir de então, quando fala “o mistério do corpo falante” é o real da escrita do nó. Com as quatro rodinhas do nó, prova como, para manter juntas as rodinhas de barbante é necessário, efetivamente, o furo: o nó é mantido se é mantido o furo no centro, e é essa operação que, mais tarde, Lacan definirá como “verificação do furo”, que o transforma em real.

Nesta perspectiva, é a terceira rodinha [real] que realiza o furo e, separando, une as três. A operação humana que leva ao real é definida como um fazer nós; e Joyce é o paradigma do artifício que tem o valor de um ato artístico. O artifício é o ato que enoda e realiza, dá *ex-sistência*, sem o qual não se tem nem noção do objeto: “não há fato senão por artifício”² [discurso].

Voltando às três palavras deste sintagma novo: “mistério-corpo-falante”, podemos ler, como propõe Michel Bousseyroux,³ o nó do real como mistério, o do imaginário como próprio do corpo e do simbólico como próprio do falante. Se até então o ponto de vista foi o “verdadeiro real” (paradigma do discurso científico), que os termos sujeito ou ser poderiam consentir, Lacan opera um novo passo com o “corpo falante” e assim o discurso do psicanalista toca um ponto vivo. Ele diz: “há um modo de cingir o singular, é precisamente pela via deste particular, este particular que faço equivaler à palavra sintoma. A psicanálise é o exercício dessa boa sorte”.⁴

Os semblantes abundam *in natura*, uma descontinuidade geratriz os transforma em significantes e assim passam a artifício de

¹ Lacan, *O Seminário*, livro 20: *Mais, ainda* (1972-73/1985, p. 178).

² Lacan, *O Seminário*, livro 23: *O sinthoma* (1975-76/2007).

³ Bousseyroux, *Le mystère du corps parlant* (2004, p. 67)

⁴ «Il y a une façon de serrer le singulier, c'est par la voie justement de ce particulier, ce particulier que je fais équivaloir au mot symptôme. La psychanalyse est la recherche de cette bonne chance. ... C'est quelque chose qui consiste à l'inciter à passer dans le bon trou de ce qui lui est offert, à lui, comme singulier.» Lacan, *Congrès de l'ÉFP* (Lettres de l'École, n. 24, *Bulletin de l'École freudienne de Paris*, p. 24).

discurso, ou seja, de uma ordem do gozo regulado pelo semblante, a partir da qual não existe “fato” que não seja de enunciação [de discurso]. Ao entrar na *diz*-mensão humana — via a fundação do inconsciente —, o sintoma faz *ex-sistir* o inconsciente no real.

A redução do sintoma à sua singularidade de *sinthoma* cinge no nó as três *diz*-mensões e o gozo que disso resulta, quebrando-se em ato na contingência entre a causa do desejo e a substância gozante. A psicanálise é a busca dessa boa sorte.

“É na natureza da linguagem que o referente não seja nunca o bom, e é isso que faz uma linguagem”;⁵ colocar exatamente isso no centro, é o viático que permite chegar ao real do discurso psicanalítico, “o referente é sempre real, pois é impossível de designar”.⁶ Efeitos de verdade [a interpretação que fura o semblante] e referente impossível [impossibilidade de simbolizar a relação sexual] abrem duas vias através das quais o ato analítico toca o real.

⁵ «Il est de la nature du langage [que] le référent n'est jamais le bon, et c'est ça qui fait un langage». Lacan, *Le Séminaire, Livre XVIII: D'un discours que ne serait pas du semblant* (1971/2006, p. 45).

⁶ *Ibid.*, p. 46.

O ato analítico

A partir do avanço teórico e clínico causado pela elaboração da estrutura do fantasma, ou seja, a lógica que permitiu a Lacan estabelecer o que ele chama de “um ponto de inserção do ato”, ele propõe um dispositivo de garantia válido para a formação do psicanalista de Escola: o *passé*. Este dispositivo permite articular o início e o fim da análise: do impasse ao *passé*.⁷ Contar o menos com o dispositivo do *passé*, então, comporta efeitos no conjunto dos tratamentos. O real do inconsciente, ou seja, o impossível da relação e o inconsciente real que cifra e se encarna, não mudam a estrutura do ato analítico, mas obrigam a centrar seu objetivo, não só no objeto [semblante], mas no real.

O Real na clínica psicanalítica⁸ implica: seja um real que pode ser modificado, aquele do início, seja um real que se encontra no final. Se o inconsciente fala, mas não conclui — quando a análise inclui o final na perspectiva do *passé* —, o que é que decide o fim?⁹ A hipótese é que não seja nem o ICSR nem a verdade, mas um termo que aparece em um texto de 1976, que é inserido e que não é da ordem da *linguisteria*, um terceiro, que Lacan chama: “satisfação”. O inconsciente real é introduzido em *Mais, ainda*, mas devemos aguardar o *Prefácio à edição inglesa do Seminário XI* para que o final seja colocado com uma satisfação específica: reconhecendo no real a função de tampão [*bouchon*], o furo da verdade de onde o sentido escapa.

Lacan encontra assim uma saída para o impasse da verdade mentirosa [*vérité menteuse*] e desloca o que faz função de tampão: do objeto *a* em direção ao real. Aquilo que do real faz tampão, ao invés de fechar, paradoxalmente, abre uma saída à decifração interminável do inconsciente.

O sintoma é o que do inconsciente-*alíngua* [inconsciente real] se

⁷ Cf. Soler, *Politica della psicoanalisi (Quaderno di Praxis* n. 1, pp. 9/11).

⁸ Cf. Soler, *Il reale nella clinica psicoanalitica* (2010, pp. 195-210); e Lacan, *Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École* (1967/2001, p. 243).

⁹ Cf. Soler, *Lacan, l'inconscient réinventé* (2009, p. 77).

manifesta no Real. O afeto de angústia é o que do Real aparece no imaginário, no qual o corpo consiste. O sintoma e o afeto de angústia são “eventos do Real”, em oposição a qualquer verossimilhança, que se repetem ao longo da análise, até passar da angústia à satisfação do final.

A satisfação e uma outra satisfação¹⁰

Por que esse termo de “satisfação”? A tese é de Freud, “o sintoma é uma satisfação sexual substitutiva”, um modo de gozar, paradoxalmente desprazeroso, devido ao recalque. Este é o primeiro modelo de satisfação autística, para designar um gozo do corpo que não passa pela ligação com o outro.

O termo “satisfação” se encontra em *Mais, ainda* sob a forma do que Lacan chama de “uma outra satisfação”, aquela da fala. Nessa “outra satisfação”, Lacan põe em evidência o gozo de um real que a determina... em falha. Lacan enfatiza o fato de que essa perda — que condiciona a possibilidade mesma da psicanálise — concerne ao vivente; o que implica que a divisão do sujeito não se reduz ao corte significante. Além da recorrência significante no tratamento, a divisão é inerente ao real do vivente e, para cada um, especificada em experiências precisas e contingentes. Em cada caso, e porque o sujeito é constituído de duas partes, das quais uma é perdida e a outra cifrada, que nós podemos encaminhar numa psicanálise por meio do sintoma:

1. As manifestações sintomáticas do inconsciente real: onde uma cadeia significante revela o gozo-sentido [*joui-sens*] da verdade fazendo ressoar mais, ainda, no corpo [*Encore, en-corps...*]¹¹, que podem ser ligadas à cadeia do simbólico e do imaginário fazendo, então, linguagem.

2. O acontecimento de corpo, reduzido aos uns de sua “moteriabilidade” [*moteriabilité des uns*], letras de sintoma, ‘encarnados’ da *alíngua*, que não valem a não ser por um dizer particular, e, portanto, não fazem linguagem.¹²

O sintoma “acontecimento de corpo” presentifica um corpo marcado pela *alíngua*, e neste nível do “advento do Real” não estamos ao nível da lógica, nem da linguagem, nem àquele da fantasia, mas ao nível de uma contingência de encontro.

O gozo vem do lugar do Outro, ou seja, que a substância gozante não se goza toda sozinha, mas com a mediação dos significantes, presos no lugar do Outro. E Lacan afirma: “este lugar do Outro não é para ser tomado em outra parte que não no corpo”. Ele, então, designa uma *interseção* entre a substância gozante e o lugar do Outro, indicando que a localização desta interseção é o corpo. “O corpo é terceiro em sua relação com o gozo e com o saber, isso faz

¹⁰ “Todas as necessidades do ser falante estão contaminadas pelo fato de estarem implicadas com uma outra satisfação — sublinhem as três últimas palavras — à qual elas podem faltar.” *O Seminário, livro 20, op. cit.*, p. 70.

¹¹ Em francês estes dois termos são homofônicos *encore, en-corps...* [mais ainda, no corpo...].

¹² Cf. Soler, *Le “corps parlant” / Il “corpo parlante”* (2008) e *O “corpo falante”* (2010).

¹³ «Tiers 'au-delà' dans ses rapports à la jouissance et au savoir, le corps fait le lit de l'Autre par l'opération du signifiant». Lacan, *De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité*, Conférence 1967, (1968, pp. 51-59).

¹⁴ Lacan, *Radiofonia* (1970/2003).

a cama do Outro.”¹³ “O corpo é o lugar do Outro.”¹⁴ Ao Outro, lugar do significante, que Lacan colocou no início de seu ensino, ele acrescentou o corpo lugar do Outro. É, portanto, porque o Outro se inscreve no corpo substancial que se tem acesso prático à determinação dos gozos, seja no plano erótico, seja na prática analítica.

O mistério e a terceira satisfação

A satisfação (tanto quanto a insatisfação, por outro lado) é o afeto, o eco que responde no sujeito a um estado de gozo, que [este último] não é do sujeito, mas do corpo. Uma vez posta a coalescência do significante com o gozo, Lacan pôde avançar sobre a satisfação atrelada à palavra, satisfação do blablablá que responde ao gozo fálico. E... o que poderia ser um saber que faz presa no real? Nós postulamos que o inconsciente faz a presa, mas o que nós podemos saber? Por definição, nada que não tenha estrutura de linguagem...

Este impasse parece fundar a necessidade dos próximos passos de Lacan na direção do inconsciente real, no enalço de sua exploração linguística, lógica, topológica, dos recursos e dos impasses da estrutura. A hipótese é que a conceitualização desse Real é necessária para situar o que prevalece no discurso capitalista, mesmo para contrastá-lo [*pour lui faire pièce*], sabendo que o Simbólico não ganha frente ao Real e que a alternativa se joga entre o inconsciente real e o real do capitalismo. Permanece a questão do sujeito produto da psicanálise, para além do eventual *passé* final.

Lacan assinalou que o objeto *a* — que está em posição de causa na economia subjetiva e no laço analítico — é impotente para pôr um fim ao meio-dizer da verdade. Pelo contrário, não cessa de cair fora do furo do discurso, e a sua instalação no lugar do semblante no discurso analítico não faz dele um discurso do real. O real ao qual o saber se adiciona é o real fora do simbólico, aquele que está escrito no nó borromeano — aquele da substância viva. É lá que o inconsciente real movimentava os resíduos da *alíngua*, alguns dos quais flutuam cifrados no simbólico, enquanto outros se depositam na letra idêntica a si mesma — *lettre Une du symptôme*, disse Lacan — que excluindo-se faz limite.

Sobre a satisfação do fim, Lacan revela diferentes formulações que vão do “suficiente, basta”; até a satisfação ligada ao final da análise e ao ato — em que não se trata já da satisfação de estar feliz de viver, mas sim de um dizer que produz uma *satis-factio*.

Na *Proposição sobre o psicanalista da Escola*, de 1967, que define o psicanalista no interior de uma comunidade de Escola [Escola que o passante escolhe para testemunhar da sua experiência], o dispositivo do passe diz respeito a uma experiência nem privada nem

pública, mas social, uma vez que a satisfação concerne àqueles que se associam em uma obra humana.

Qual é, então, dos afetos do real, entre os quais o mistério da satisfação, o que marca o fim? Do amor ao saber, necessário à transferência de entrada, Lacan propõe chegar até produzir a aversão do sentido, um dos nomes do real. Do uso de um particular quebrar-se entre o impasse da verdade e o do real, uma outra satisfação, de final, é adquirida.

Se a operação que se realiza no corte de um *dizer* particular poderá reencontrar-se no inconsciente, há alguma chance de se produzir uma satisfação nova. Estabelecendo uma equivalência entre letra e sintoma no final de uma análise, Lacan propõe o dispositivo e o estabelece para colocar à prova uma experiência original: o surgimento de uma nova escrita do real como impossível, a partir do evento de um *dizer*.

Diante do surgimento de uma nova escrita do real como impossível a partir do evento de um *dizer*, que faz a presa de Joyce *O artista*, Lacan responde com surpresa: “Não sou um poeta, mas um poema.”¹⁵

Roma, 11 de julho de 2010.

Tradução: Ana Paula Gianesi e Ana Paula Pires

Revisão da tradução: Diego Mautino

¹⁵ Lacan, Preface à l'édition anglaise du Séminaire XI (1976/2001, p. 572).

Referências Bibliográficas

- BOUSSEYROUX, M. Le mystère du corps parlant. In: *L'en-je lacanien*, nº 3, Toulouse, Ed. érès, 2004.
- LACAN, J. Congrès de l'EFP. In: *Lettres de l'École*, Nº 24, Bulletin de l'École freudienne de Paris.
- LACAN, J. (1967). Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. In: *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- LACAN, J. *De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité, Conférence 1967*. Scilicet, nº 1, pp. 51-59, Paris: Seuil, 1968.
- LACAN, J. (1970). Radiofonia. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1971). *Le Séminaire, Livre XVIII: D'un discours que ne serait pas du semblant*. Paris: Éditions Du Seuil, 2006.
- LACAN, J. (1972-73). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. (1975-76). *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

- LACAN, J. (1976). Preface a l'édition anglaise du Séminaire XI. In: *Autres écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- SOLER, C. Política della psicoanalisi. In: *Quaderno di Praxis* n. 1, Roma, Biblink. Disponível em: www.praxislacaniana.it
- SOLER, C. *Le «corps parlant» / Il «corpo parlante»*, Edizione bilingue, Ed. *Praxis* del Campo lacaniano, Roma, janeiro 2008. Disponível em: www.praxislacaniana.it
- SOLER, C. *Lacan, l'inconscient réinventé*, Paris: PUF, 2009.
- SOLER, C. Il reale nella clinica psicoanalitica. *Rivista Intersezioni del Campo Lacaniano* n. 3, Edizioni *Praxis* del CL, Roma, Maio 2010.
- SOLER, C. O “corpo falante”. *Caderno de Stylus nº 1*, publicação da Escola de Psicanálise dos Fóruns o Campo Lacaniano – Brasil, maio de 2010.

Resumo

Este artigo de Diego Mautino articula as três palavras do tardio sintagma lacaniano, qual seja, mistério do corpo falante (mistério – corpo – falante), aos registros RSI, à revisão impressa por Lacan sobre o sintoma (tomando o artifício de Joyce como paradigma) e ao termo satisfação. Para tanto, a um só tempo, o autor percorre os avanços que Lacan empreendeu entre o inconsciente simbólico e o inconsciente real, fornece-nos um amplo panorama sobre a concepção de *alíngua*, oferece-nos uma leitura sobre a passagem dos impasses da verdade mentirosa ao Real (do objeto a ao Real) e retoma, desde Freud, o uso do termo satisfação, para, enfim, realocá-lo, com Lacan, numa proposta de fim de análise.

Palavras-chave

Mistério, corpo, *alíngua*, sintoma, satisfação.

Abstract

The article by Diego Mautino articulates three words of the late Lacanian syntagma mystery of the speaking body (mystery – body – speaking) with the RSI registers, with Lacan's printed review of the symptom (taking Joyce's artifice as paradigm), and, finally, with the term satisfaction. For this, the author, at one time, goes through the advances between the symbolic and the real unconscious perpetrated by Lacan. Besides that, he provides an ample panorama about the *alíngua* conception, and grants us with the reading about the passage from the deadlocks of the lying truth to the Real (from the object a to the Real), and, since Freud, returns to the use of the term satisfaction which is, finally, relocated, now with Lacan, in an end of analysis proposal.

Keywords

Mystery; body; *alíngua*; symptom; satisfaction.

Recebido

16/11/2010

Aprovado

12/12/2010

